

Bastão de Asclépio ou Caduceu de Hermes – Qual é o verdadeiro símbolo da Medicina?

Rod of Asclepius or Caduceus of Hermes – What is the true symbol of Medicine?

Antônio Braga¹

¹ Professor de Obstetrícia da Faculdade de Medicina da UFRJ e UFF. Mestre, Doutor e Pós-Doutor pela UNESP. Pós-Doutor pela Harvard Medical School e pelo Imperial College of London. Livre-Docente em Obstetrícia pela UNIFESP e UNESP. Presidente emérito da Sociedade Brasileira de História da Medicina.

Jorge Rezende-Filho²

² Professor Titular de Obstetrícia da Faculdade de Medicina da UFRJ. Mestre e Doutor em Obstetrícia pela UFRJ. Livre-Docente em Obstetrícia pela USP. Membro Titular da Academia Nacional de Medicina.

Correspondência

Prof. Dr. Antônio Braga
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rua das Laranjeiras, 180 - Laranjeiras
Rio de Janeiro - RJ CEP: 22240-003
E-mail: bragamed@yahoo.com.br

Conquanto Ciência, é a Medicina também Arte! Com uma história milenar, cujas origens se perdem nas brumas da história e remontam ao alvorecer da humanidade, a Medicina consolidou-se através dos séculos plena de simbologias, muitas das quais se mantêm até os dias atuais. Não seria desarrazoado atribuir o uso do branco entre os médicos às vestimentas hipocráticas de Cós ou mesmo à pureza das sacerdotisas romanas do templo das deusas Vestais. Da mesma forma, o uso de esmeralda nos anéis de formatura de Medicina relembra o apreço de Asclépio à fitoterapia como também seu uso pelo Imperador Júlio César para evitar crises epiléticas. Nesse mesmo sentido é que se sustenta o bastão de Asclépio como o verdadeiro símbolo da Medicina (Figura 1). Contudo, não tem sido infrequente que a imprensa leiga e mesmo a mídia médica desavisada utilizem o caduceu de Hermes para referir-se à Medicina (Figura 2). Para dirimir essa confusão, é objetivo desse artigo descrever as representações associadas a esses símbolos, de modo a rechaçar a infame associação do caduceu de Hermes com a Medicina.

Para esclarecer essa querela, cabe aqui retratar os personagens envolvidos nessa cizânia: Asclépio e Hermes.

A mitologia grega apresenta-nos Asclépio como filho de Apolo e Corônis, que sobreviveu à cesariana *post-mortem* de sua mãe (Figura 3), sendo educado pelo centauro Quíron, no monte Pélion, com quem aprendeu a aliviar a dor e o sofrimento humano.⁽¹⁾ Adquiriu tamanha habilidade cirúrgica e na manipulação das ervas, podendo até trazer os mortos de volta à vida, que despertou inveja de Zeus, tendo

sido punido com um raio mortal. Mesmo depois de seu decesso, e tendo seu culto se disseminado por toda a Europa, multiplicaram-se os templos a ele destinados – os *Asklepeion* – que funcionavam como cenários de cura. Sabe-se que o próprio Hipócrates, considerado o Pai da Medicina Ocidental, aprendeu seu ofício no Santuário de Asclépio na ilha grega de Cós; sendo ele mesmo considerado um descendente dos Asclepiades – linhagem de sacerdotes que remontava ao próprio Asclépio. Em Atenas, desde o século V a.C., celebrava-se no dia 18 de outubro a grande festa de Asclépio,



Figura 1
Bastão de Asclépio. Verdadeiro símbolo da Medicina



Figura 2
Caduceu de Hermes.

a segunda data mais festejada, perdendo apenas para as comemorações de Dionísio (Baco) – o deus do Vinho.

Já Hermes é retratado como filho de Zeus e Maia.⁽¹⁾ Ele é considerado protetor dos rebanhos, das estradas, viagens e do comércio, sendo também considerado o mensageiro dos deuses. No dia de seu nascimento roubara o gado de seu irmão Apolo, ainda que fingisse inocência. Ganhara por isso o epíteto de “Enganador”. Em um dos poemas épicos mais famosos da Grécia Antiga, Os Trabalhos e os Dias, Hesíodo conta-nos que coube a Hermes dar a Pandora alguns de seus próprios dons, entregando-lhe o poder das mentiras, das palavras sedutoras e do caráter dúbio.⁽²⁾ Por ocasião da romanização do império helênico, Hermes transmutou-se em Mercúrio – até então deus do Comércio (cujo nome traz em sua etimologia *merx* – mercadoria, negócio), herdando todas as características de seu equivalente grego.



Figura 3
Nascimento de Asclépio por cesariana longitudinal. Xilogravura de Alessandro Beneditti. “De Re Medica”. 1549.

Apresentações feitas, passemos à questão do Símbolo da Medicina. O bastão de Asclépio é representado por um cajado de madeira com uma serpente enrolada. Acredita-se que o símbolo seja anterior à civilização grega, por vezes referida como um símbolo mesopotâmio de Ningizzida – o deus da fertilidade, do matrimônio e das pragas.⁽³⁾ Não se deve olvidar que a tradição grega sempre associou a serpente a um símbolo de cura e saúde. Isso porque a mudança de pele das serpentes evoca o renascimento e a imortalidade, simbolizando renovação e poder. Ademais, o veneno da serpente associa-se tanto à morte, quanto à cura (o soro antiofídico), trazendo a representação judaica da queda de Eva (Gênesis 3:1-16), como também a cura de Moisés (Números 21:9). Por fim, ao demandar de seus cuidadores a máxima atenção, a serpente marca a atenção que os curadores devem ter com seus doentes, chancelando essa figura, em definitivo, aos aspectos simbólicos da saúde.⁽⁴⁾ Há ainda um aspecto da vida cotidiana na Grécia, que estimulava a criação de serpentes não venenosas nas casas e templos, não apenas por seu significado místico, como também por manter distante as pragas e doenças, já que se alimentavam de ratos – grandes transmissores de pestes.

A ligação de Asclépio com a serpente inicia-se com seu pai – Apolo, que matara a Píton de Delfos. Em seu ministério de curar, Asclépio observara certa vez uma serpente carregando ervas na boca e que foi capaz de ressuscitar outra serpente.

Imitando a víbora, Asclépio trouxe Glauco à vida, após sua morte, fulminado por um raio. Desse feito, a serpente foi incorporada de vez à figura de Asclépio,⁽⁵⁾ sendo frequentemente retratada junto a ele, como nos mostra a Figura 4.



Figura 4

Estátua de Asclépio, encontrada no santuário de Epidauro e exibida no Museu Arqueológico de Atenas, Grécia. Cerca de 160 a.C.

Entretanto, a saga de Asclépio já fora prevista pela vidente Ocirroé – filha de Quíron, ainda na tenra infância: "Menino, tu que trazes a saúde para todo o mundo, que possas crescer e florescer! Os mortais muitas vezes deverão suas vidas a ti, e te será concedido o poder de trazer de novo à vida os que morreram. Mas um dia deixarás os deuses zangados por tamanha ousadia, e o raio de teu avô impedirá que o repitas, e de um deus imortal serás reduzido a um cadáver inerte. Mas depois deste cadáver mais uma vez serás tornado um deus, e por uma segunda vez renovarás o teu destino".⁽⁶⁾ Após ser morto por Zeus, Asclépio foi elevado aos céus como a constelação de Ofiúcio (entre Sagitário e Libra), que significa o portador da serpente, o Serpentário (Figura 5), imortalizando sua história.



Figura 5

Representação mitológica das constelações. Em pormenor, pode-se observar o Serpentário, adornado por Asclépio.

Já o caduceu de Hermes é representado por um bastão em torno do qual se entrelaçam duas serpentes. Também é um emblema pré-helênico, já visualizado na taça do rei sumeriano Gudea de Lagash, em 2600 a.C. A serpente da direita é chamada Od, que representa a “vida livremente dirigida” (livre arbítrio), a da esquerda Ob, que se relaciona à “vida fatal” (destino) e o globo dourado no cima, Aur, que representa a “luz equilibrada” (equilíbrio).⁽⁷⁾ Estas duas serpentes opostas figuram forças contrárias que podem se associar mas não se confundir. O caduceu ganha asas em sua parte superior já na tradição grega, em uma clara alusão à figura de Hermes e suas habilidades de ligeiro mensageiro,⁽⁸⁾ como pode ser visto na Figura 6.

Não há, portanto, nenhuma relação entre o caduceu de Hermes e a Medicina. Ora, mas como desde a Renascença frequentemente ele é referido como símbolo da Medicina?^(9,10)

A confusão foi esclarecida de modo magistral pelo Professor Joffre Marcondes de Rezende, um dos arautos da Sociedade Brasileira de História da Medicina e dos maiores filologistas brasileiros.⁽¹¹⁾ Dr. Joffre apresenta-nos quatro grandes pilares que permitiram que esses símbolos fossem confundidos.

O primeiro deles diz respeito à equivocada assimilação de Hermes pela mitologia egípcia, como o deus Thoth – devotado ao conhecimento e à magia.⁽¹²⁾ Thoth passa a ser chamado de Hermes Trismegistos (três vezes grande), ainda que, mesmo na



Figura 6

Estátua de Hermes feito de mármore, trajando a *petasus* (chapéu redondo), a capa de um viajante, o caduceu e uma bolsa. Museu do Vaticano.

concepção egípcia, não seja visto como deus da Cura, apanágio de Imhotep. Ainda assim, e notadamente com o desenvolvimento da hermenêutica alquímica, que nenhuma relação guarda com o grego Hermes, e sim com o Trismegistos egípcio, também referido como “O Luminoso” – vencedor mágico da obscuridade, tornou-se o caduceu de Hermes o símbolo da alquimia.⁽¹³⁾ Não tardou para que o símbolo transmutasse da alquimia para a Farmácia e chegasse à Medicina, como nos assevera Schouten, eminente historiador da cidade holandesa de Gouda.⁽¹⁴⁾

Um segundo aspecto, e talvez o mais importante deles, repousa na figura de Johann Froben e seu filho Hieronymus Frobenius, editores suíços da Basileia que divulgaram obras médicas, dentre as quais de Hipócrates e Aetius de Amida. Isso porque sua tipografia usara logotipo semelhante ao caduceu de Hermes no frontispício de seus livros (Figuras 7 e 8), difundindo a equivocada ideia de que esse símbolo se associava à Medicina.

A terceira circunstância que fortaleceu essa celeuma foi sugerida por Friedlander ao salientar a confusão do Exército francês que designou por caduceu o bastão de Asclépio.⁽¹⁵⁾ Isso se materializou entre os idos de 1901 e 1920 na revista *Le Caducée: Journal de chirurgie & de médecine d'armée*, que estampava em sua capa algo que mais lembrava um bastão de Asclépio. Embora confuso, isso apenas caracterizava uma peculiaridade linguística, como podemos

observar ao analisar o dicionário de tradução franco-americano, Harrap, que relaciona “caducée” em primeiro lugar com “caduceus”, seguido por “Aesculapius’s staff”, demonstrando as limitações filológicas aqui envolvidas.

Contudo, foi a adoção do caduceu de Hermes como lábaro da saúde pelo Exército norte-americano, a partir de 1902, o principal responsável pela confusão desses símbolos nos dias atuais. Bem verdade que esse símbolo já fora empregado por exércitos

da Antiguidade, como símbolo de paz, como nos apresenta Tucídides em sua História da Guerra do Peloponeso, sendo também utilizado pelos romanos na disputa de Cartago.⁽¹⁶⁾ Isso remonta à mitologia atribuída a Hermes, a quem cabia conduzir os mortos ao reino de Hades, fomentando o costume dos soldados que, ao procurar os feridos nos campos de batalha, portassem o caduceu de Hermes, que equivaleria a uma bandeira branca ou mesmo a uma cruz vermelha, empregada nos conflitos recentes.⁽¹⁷⁾

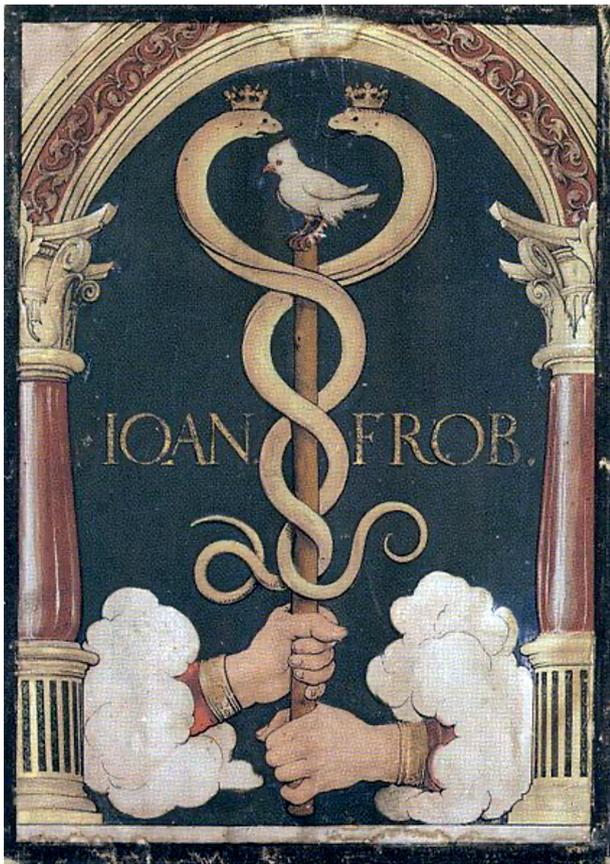


Figura 7
Ilustração de Hans Holbein, o Jovem (1498-1543) para logotipo editorial de Johann Froben.

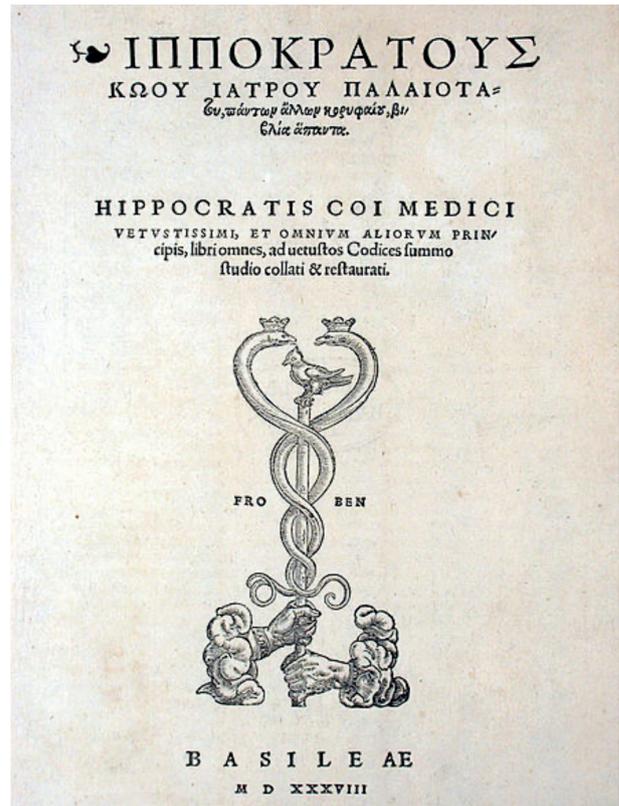


Figura 8
Frontispício da obra de Hipócrates publicada por Hieronymus Frobenius em 1538. Notar a semelhança entre a marca da tipografia de seu pai (Johann Froben) e o caduceu de Hermes.

Explicações feitas, confusões desfeitas, resta salientar por que não podemos permitir que o caduceu de Hermes seja associado à Medicina. Desde os primórdios que a Arte de Curar tem sido exercida por abnegados. Ainda que a previsão de pagamento pelos serviços médicos esteja presente desde o Código de Hamurabi, no *Corpus Hippocraticum* já se falava em moderação nessa relação. Para além disso, a associação indigna entre a Medicina e o comércio, feita por ignorância ou má-fé, há que ser rechaçada não apenas por sua natureza torpe, mas também antiética. Não haveria de ser diferente o nosso Código de Ética Médica, em seus Princípios Fundamentais, ao estatuir, no artigo 9^o,

e de forma categórica, que “*a Medicina não pode, em qualquer circunstância, ou de qualquer forma, ser exercida como comércio*”.⁽¹⁸⁾

Que esse artigo possa inspirar os mais jovens, assim como renovar a fleuma dos mais experientes, no sentido de elevar suas mentes e coração aos ideais mais puros da Medicina – o humanismo que dá sentido à Arte de Curar e a misericórdia que acolhe, a todos, de modo fraterno e solidário. Esses valores, imateriais, longe de serem comercializáveis, estão entranhados na Tradição judaico-cristã, grego-romana, e que apresenta o bastão de Asclépio, de modo inquestionável, como o verdadeiro símbolo da Medicina.

REFERÊNCIAS

1. Smith W. Dictionary of Greek and Roman. Biography and Mythology. Boston: Little, Brown and Company. Vol II. 1867.
2. Hesíodo. Os trabalhos e os dias. trad. Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1989.
3. Hart GD. Asclepius: the god of medicine. History of Medicine Series. London: Royal Society of Medicine Press, 2000. p. 177-9.
4. Edelstein EKL, Edelstein L. Asclepius: collection and interpretation of the testimonies. Volume 1, Ancient Studies. Johns Hopkins University Press, 1998. p. 12-3.
5. Sulmasy DP. A balm for Gilead: meditations on spirituality and the healing arts. Georgetown University Press, 2006. p. 55-6.
6. Hart GD. Asclepius: the god of medicine. History of Medicine Series. London: Royal Society of Medicine Press, 2000. p. 7-8.
7. Liddell and Scott, Greek-English Lexicon; Stuart L. Tyson, "The Caduceus", The Scientific Monthly 1932;34(6):493.
8. Howey MO. The Encircled Serpent: A Study of Serpent Symbolism in All Countries And Ages, New York, 1955, p. 77.
9. Metzger WS. The caduceus and the Aesculapian staff: ancient eastern origins, evolution, and western parallels. South Med J 1989; 82: 743-8.
10. Prates PR. Do bastão de Esculápio ao caduceu de Mercúrio. Arq Bras Cardiol. 2002;79(4):434-6.
11. Rezende JM. O símbolo da medicina. In: À sombra do plátano: crônicas de história da medicina. São Paulo: Editora UNIFESP, 2009.

12. Fowden G. The Egyptian Hermes. A historical approach to the late pagan mind. Great Britain University Press. Cambridge. 1986.
 13. Fernandes CR. Hermenêutica e Hermes Trismegisto. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos/3834936> Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.
 14. Schouten J. The rod and serpent of Asklepios. Symbol of medicine. Amsterdam, Elsevier Publ. Co., 1967.
 15. Friedlander WJ. The Golden Wand of Medicine: A History of the Caduceus Symbol in Medicine. New York, Greenwood, 1992. p. 137-9.
 16. Friedlander WJ. The Golden Wand of Medicine: A History of the Caduceus Symbol in Medicine. New York, Greenwood, 1992. p. 128.
 17. Grainger B. A Survey of Symbols of Medicine and Veterinary Medicine. Third International Conference of Animal Health Information Specialists (Session 6). Eighth International Congress on Medical Librarianship (Parallel 7, Session 4). July 5, 2000 - London, England. Disponível em: <https://studylib.net/doc/8346157/a-survey-of-symbols-of-medicine-and-veterinary-medicine>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.
 18. Código de Ética Médica. Conselho Federal de Medicina. 2019. Disponível em: <https://portal.cfm.org.br/images/PDF/cem2019.pdf>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.
-